



## Boas Práticas

### Aprender a aprender outra vez

#### Tronco do módulo R

##### 1. Contexto

Axel tem 7 anos quando é recebido no CLIS (*CLasse pour l'Intégration Scolaire, i.e. turma para a integração escolar, antigo nome das turmas especializadas em acolhimento das crianças com deficiência, nota do tradutor*), depois de um período de vários meses fora da escolaridade regular porque tinha um comportamento violento que punha os seus pares e ele próprio em perigo. Esteve num centro de dia (3 ½ dias) com uma sessão semanal de ½ hora de escolaridade individual nestas instalações de cuidados

##### 2. Objetivos

Esta ficha de boas práticas pretende mostrar através de um caso prático, e também clínico, como o professor ao escolher adoptar uma posição empática no relacionamento com uma criança com NEE<sup>1</sup>, consegue incluí-la no grupo turma. Ao adaptar os recursos que a criança apresenta, ao ter as suas singularidades em conta, o professor apoia-o e convida-o para o espaço de aprendizagem ao lhe revelar muita paciência e finalmente empatia.

##### 3. « Desenvolvimento da boa prática »

o único objetivo para escolarizar o Axel novamente foi socializá-lo numa pequena turma (máximo 12 alunos num CLIS). Não surgiram exigências educativas e o seu projeto seria construído progressivamente.

Concordou-se que o seu tempo de escolarização poderia ser revisto para mais ou para menos.

A sua escolarização começa por 2 x 1h1 / 2 por semana às terças e quintas. Axel chega depois dos outros alunos terem começado o dia de escola porque ele se perturba muito com as multidões e com o barulho. O recreio acontece na sala na minha presença e para sair da sala de aula, tem que verificar que não há ninguém no corredor. Pode esconder-se num cacifo no pátio (cacifo que pode ter várias mochilas) se se sente atacado pelo meio exterior, especialmente pela presença dos outros alunos. Não estabelece qualquer relação com os seus pares, também rejeita o olhar do adulto.

Esta foi a organização espacial da turma:

-um espaço de trabalho com mesas e cadeiras

<sup>1</sup> Necessidades Educativas Especiais

-uma área de reunião do grupo à volta de bancos

-uma área de biblioteca com almofadas

quando chega à sala Axel nunca se senta no seu lugar, move-se como um “electrão livre”, observa o que os outros estão a fazer mas não interrompe o seu trabalho. Senta-se sozinho na área de trabalho de grupo com um livro ou um jogo de construção. Quando convidado toda a turma para o canto da reunião, Axel vai sempre pra a área da biblioteca. Sistemáticamente, sem estabelecer contacto visual com Axel, convidado-o sempre a juntar-se a nós. Ele nunca revela um comportamento perturbador, porque sabe que não o estou a solicitar para um trabalho académico para evitar qualquer frustração. Após três semanas, a equipa (escola/cuidadores/família) propõe aumentar o tempo de escola, assim o Axel vem todas as manhãs das 9:00 às 10:30. De forma progressiva, o Axel concorda em deixar a sala de aula durante o tempo de recreio, permanecendo na parte coberta do pátio observando os seus pares no recreio. Após dois vezes de escolarização, uma manhã, Axel veio sentar-se no canto de reunião com toda a turma. A partir deste momento, a relação com os outros foi estabelecida de forma gradual de acordo com os códigos que Axel estabeleceu. Muito gradualmente propus-lhe pequenas atividades que ele aceitou. Se não queria, não o obriguei.

Foi, assim, capaz de começar a aprender e concordou em partilhar esses momentos de reunião com todos onde todos se podiam exprimir. Foi a maneira de entrar em contacto com o mundo à sua volta sem conseguir usar a linguagem falada.

Muito rapidamente foi proposta uma presença mais longa na escola para terminar em junho com a participação na visita de estudo de uma semana à praia com as turmas dos ciclos 2 (1º ao 3º anos) e o CLIS. Ele comportou-se de uma forma exemplar e adaptou-se ao grande grupo de mais de 70 alunos e também observamos o surgimento de competências interpessoais com os seus pares.

No ano seguinte, propôs-se a inclusão de Axel numa turma do CE1 (2º ano) aumentando o seu tempo de escola todos os anos. Também se conseguiu que entrasse em contacto com os seus pares apesar dos seus problemas de linguagem.

### **3. Avaliação da atividade**

Neste caso, a atitude empática da professora é óbvia. A sua relação com a criança não é frontal, ela convida-o par se juntar à turma sem impor qualquer condição. Percebe a necessidade que ele tem de manter um distância ou afastamento, de estar lá sem estar lá. É a sua própria maneira de estar com os outros. Depois, a professora tem uma presença benevolente, um convite sem compromisso para o relacionamento mais do que para aprender. Após quase dois meses, ela implementa um trabalho de paciência que finalmente leva a criança a sentir-se emocionalmente segura no qual onde está. Este apaziguamento relacional é sem dúvida a base necessária para fazer surgir o seu interesse na aprendizagem que professora, uma vez mais, simplesmente acompanha com empatia sem nunca obrigar a criança.

### **4. Limites**

As capacidades empáticas da professora exigem uma grande atenção, disponibilidade de tempo e também de energia. Põe a turma em risco se não for ajudada, mas ao mesmo tempo mostra claramente a capacidade do esquema institucional da turma se transformar para incluir esta criança.

## **5. Perspetivas**

Para usar a atitude empática, quando alguém chega, ouvir e observar para identificar as situações em que os recursos e/ou as exigências dos alunos com NEE se exprimem, é necessário contar com a ajuda de uma pessoa de acompanhamento (um auxiliar educativo, por exemplo) que pode apoiar a inclusão da singularidade da criança.